

V Á R I A

Silos de secção trapezoidal

Elementos para o estudo da tecno-economia rural portuguesa

O tipo de silós de que nos ocupamos não é muito antigo e deve ter certa conexão, como presumimos, com os silos de superfície destinados a conservação de batata e que já tratámos noutra lugar (1).

As perspectivas de aceleração em que a lavoura portuguesa se encontra, relativamente à utilização de maquinaria e industrialização de produtos agrícolas, justificam o interesse que tomámos pelo assunto e a oportunidade de arquivar elementos que, desta forma, não ficam perdidos.

Destes silos escavados no solo, de secção trapezoidal, de paredes revestidas de argamassa e de topos fortalecidos com tijoleira, destinados a conservação de forragens verdes, conhecemos os dos Srs. Fernando Quintão Pereira e Francisco Silvestre Ferreira, localizados, respectivamente, em Selmes (Vidigueira) e Ferreira do Alentejo, e os das herdades das Almocrevas (Beja) e da Abóbada (Serpa), todos situados no distrito de Beja, onde prevalece um clima de temperaturas extremas.

Dadas as características e dimensões que apresentam, considerámos como protótipo os dois exemplares da Herdade das Almocrevas, que são objecto desta nota.

Situam-se a cerca de 50 metros da estrada que liga Beja a Almodôvar, de que distam, respectivamente, 6 e cerca de 74 quilómetros.

(1) A sair no próximo volume da revista *Ethnos*.

Procedemos ao estudo destes dois silos em 1965, tendo fotografado diversas fases da descarga dos mesmos, a fim de documentarmos a nota que subscrevemos, e assistimos à total remoção, arejamento, limpeza e caiação destes grandes reservatórios subterrâneos.

Verificámos que estes grandes silos de secção trapezoidal da Herdade das Almocrevas se destinam à conservação de aveia verde,

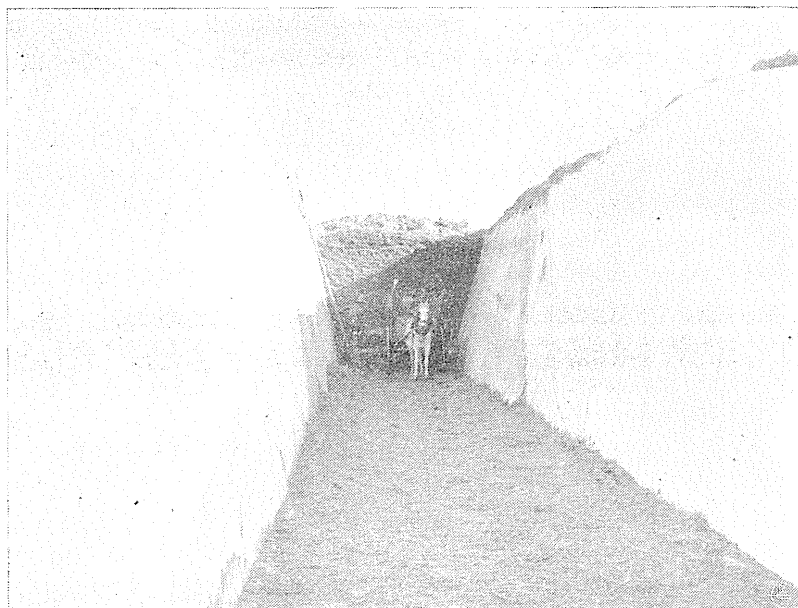


Fig. 1 — Final da descarga do silo I da Herdade das Almocrevas (Beja).

utilizada na alimentação do gado mear, cavalari e bovino, criado para serviços de carga e tracção, na dita Herdade, ou reservado para as promoções económicas tradicionais.

Foram cavados na terra saibrosa até à profundidade mínima de 3 metros, pois não se praticou o desmonte, nem se nivelaram as depressões. Apresentam as principais dimensões: 66 metros de comprimento e 4,5 de boca.

Cada silo pode armazenar cerca de 500 carros de forragem.

As paredes são concebidas com uma inclinação de 7 a 9 graus, formando com o plano da base um ângulo obtuso, a fim de assegurar a drenagem rigorosa do conteúdo. São revestidas com argamassa, obtida com a mistura de cal hidráulica, areia e água, e apresentam os topos e cimeiras fortalecidos e preservados com tijolos (Fig. 1).

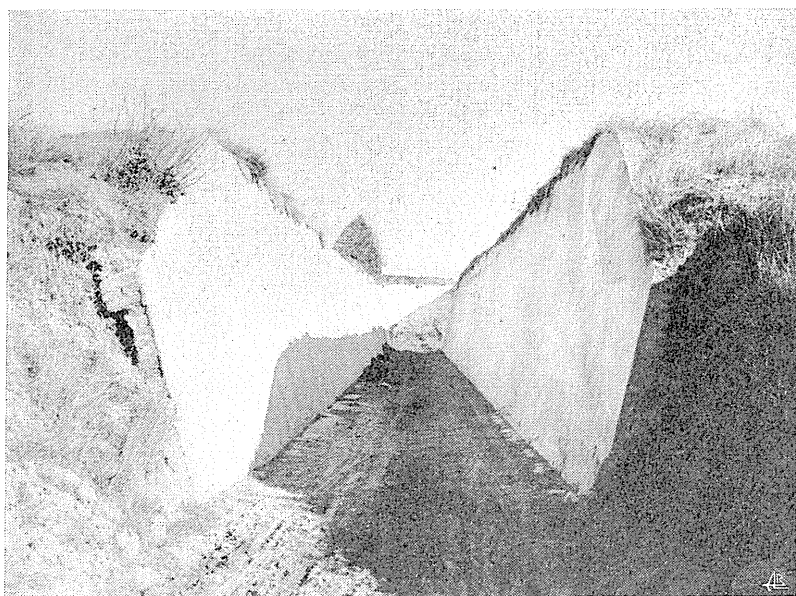


Fig. 2 – Silo II da Herdade das Almocrevas aguardando a limpeza do fundo e caiação das paredes.

A descarga faz-se parcelarmente pelo topo desprovido de parede (Fig. 2), o qual é protegido, em regra, depois da descarga, com uma armação desmontável, de madeira e outros materiais, procurados e adaptados na ocasião.

A percepção do conjunto pode tomar-se da planta e corte de um dos silos descritos e que constam do mapa adjunto (Fig. 3).

A aveia é ceifada antes de espigar, é cortada e ensilada por camadas, que se separam com palha, depois de bem comprimidas e

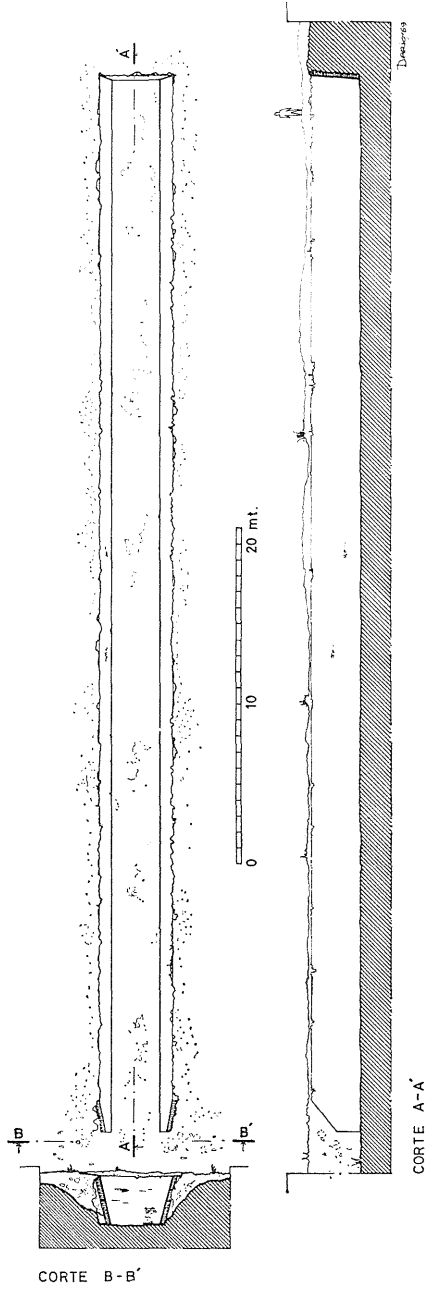


Fig. 3 — Planta e corte de um silo. (Herdade das Almocevas).

regadas com água salgada ou soro de leite, quando o há com abundância.

A camada superior é coberta de palha no sentido transversal e longitudinal, sendo depois comprimida e totalmente coberta de terra saibrosa.

O ensilamento tem por fim conservar a aveia tenra e fresca, o que se consegue mantendo-a ao abrigo da luz e do ar, pelo processo experimental das técnicas tradicionais e que consiste em favorecer, naquelas condições, as trocas gasosas que se realizam, durante alguns meses, através dos interstícios da palha e das camadas de forragem, que entumece, a despeito da compressão.

A calda salgada ou láctea impede a formação de bolores e, consequentemente, as fermentações pútridas.

A conservação da aveia destina-se à alimentação do gado, durante os meses mais frios e de intensas geadas.

É justamente a baixa temperatura que produz, passado algum tempo, o ácido láctico, que conserva a forragem e lhe aumenta o poder nutritivo.

Este princípio técnico, que o povo conhece empiricamente, contribuiu para a utilização deste tipo de silos, destinando-se a conservar, em larga escala, a quantidade de forragem que as condições mesológicas e o tipo de economia semipastoril do latifúndio aconselharam durante as últimas gerações.

Dadas as características mesológicas apontadas, cremos que este tipo de silos deverá ser utilizado até se operar uma mutação de técnicas que atinja e remodele as estruturas económicas e sociais do latifúndio.

Parece-nos chegado o momento de fazer análise histórica, mas preferimos deixar para melhor oportunidade essa análise e a óbvia e indispensável proposta de conclusões que, por agora, só poderíamos fazer teòricamente e baseados na simples analogia de características formais.

MARGARIDA RIBEIRO

Conservadora-Ajudante do Museu Nacional de Arqueologia
e Etnologia (Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos)